

MIGRAÇÃO E SEGREGAÇÃO URBANA

Estudos de caso em uma cidade metropolitana (Canoas/RS)

*Cleusa Maria Gomes Graebin **
*Danielle Heberle Viegas ***

Ao refletir sobre a formação da cidade de Canoas, situada na Região Metropolitana de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul (Brasil), nos reportamos a um mosaico. A cidade, hoje uma referência por sua localização estratégica e seu parque industrial, encontra no fenômeno da migração uma de suas principais características históricas. Canoas tem acolhido em diferentes momentos de sua constituição, seja como vila do município de Gravataí ainda no século XVIII, ou como cidade emancipada a partir da década de 1940, diferentes fluxos de migrantes: contingentes de europeus em fuga dos cenários das duas grandes guerras mundiais; contingentes saídos da zona rural e de pequenos núcleos urbanos do Estado; migrações em modalidades mais curtas, intrametropolitanas. O elo é a busca de trabalho, melhores condições de vida e nas últimas décadas, moradia, com a participação de indivíduos e famílias nos movimentos de ocupação de espaços irregulares.

A intensificação das migrações para a cidade deu-se a partir da

segunda metade do século XX, após a Segunda Guerra Mundial, na esteira do processo histórico da globalização no qual se inseria o Brasil e no da urbanização vertiginosa quando se formavam grande parte das cidades metropolitanas do país. Assim, ao estudar Canoas, confirma-se a tendência de pensar os fenômenos sociais da migração/urbanização/metropolização em perspectiva entrelaçada.

É a partir desse eixo temático que fluem as reflexões que fazemos nesse trabalho cuja origem está nas pesquisas desenvolvidas nos projetos *Canoas: para lembrar quem somos*¹ e *Festas de origem açoriana no Rio Grande do Sul*². São dois estudos de caso com os quais pretendemos contribuir para as reflexões sobre migrações no Brasil. A porta de acesso são as memórias de migrantes, decodificadas a partir de depoimentos orais³.

O dois casos são interessantes exemplos de modalidades diversas de como se apresentam as questões relativas à migração e segregação em bairros da mesma cidade. Cabe explicar que segregação⁴ está sendo entendida aqui como fenômeno

relacional, isto é, dizendo respeito à dimensão do isolamento e interação entre indivíduos e grupos diferentes em uma mesma área, vivenciados cotidianamente. Leva-se em conta o espaço urbano como campo simbólico e de lutas no qual se articulam desejos, expectativas, valores, saberes e experiências (O'Neill, 2003; Correa, 2003; Mayol, 1996).

O primeiro estudo de caso refere-se à segregação e à construção de pertencimentos a partir da celebração do Terno de Reis, por migrantes que ocuparam terras irregulares, constituindo a Vila Santo Operário, no Bairro Mathias Velho; o segundo, refere-se ao Bairro Fátima, e busca enfatizar as relações entre moradores, os antigos, descendentes das famílias fundadoras do bairro e os novos, representados por famílias de migrantes de diferentes procedências.

Os dois bairros tiveram sua formação fortemente relacionada com as migrações ocorridas entre as décadas de 1960 e 1970 para Canoas, como relata o ex-prefeito da cidade, Carlos Lourenço Giacomazzi (gestão 1986-1998):

[...] Foi aquela fase de migração violenta do homem do campo para os grandes centros. [...] Então a migração para cá foi algo fantástico porque contavam aquelas histórias que Canoas era uma medalha de ouro que tinha um só verso, não tinha dois! Eles mostravam só o bom. O pessoal aqui chegava não encontrava emprego, não tinha moradia. [...] (Penna et al., 2000, p. 80)

Em relação aos aportes teórico-metodológicos do trabalho, nos baseamos em Hall (1999), para discutir a vinculação entre identidade e construção de pertencimento aos processos de migração no mundo contemporâneo, quando analisamos o caso da Vila Santo Operário; em Polack (1989) para as reflexões sobre o Bairro de Fátima, ao evidenciar memórias oficiais e subterrâneas que compõe a segregação de territórios de existência no Bairro.

Quanto às fontes, as orais se constituem como privilegiadas, pois iluminam diferentes memórias sobre o passado e relevam aspectos obscuros sobre a vida cotidiana, os conflitos e os significados (re)estabelecidos em relação à nova cidade de moradia. Nesse sentido, cabe destacar, brevemente, a problemática travada entre memória e oralidade. Para Michel de Certeau (1998, p. 153) “no relato não se trata mais de ajustar-se o mais possível a uma realidade e dar credibilidade ao texto pelo “real” que exhibe. Ao contrário, a história narrada cria um espaço de ficção”. Assim, o nosso olhar, ao ser direcionado para as fontes orais, estará disposto a perceber omissões, esquecimentos e subjetividades compartilhadas nas entrevistas.

Com base nas situações apresentadas, passamos a nos debruçar sobre nossos objetos de estudo.

VILA SANTO OPERÁRIO

Da segregação à construção de pertencimentos

A Vila Santo Operário originou-se da ocupação das terras do antigo Jóquei Clube de Canoas, situado no Bairro Mathias Velho. Era espaço dado a alojamentos e os primeiros ocupantes não tinham acesso a água, esgoto e luz elétrica. A ocupação foi realizada de forma organizada, através de uma comissão dos já estabelecidos que recebia os novos moradores, mantendo o traçado das ruas, e articulando desta forma o “futuro loteamento”, mesmo sob a repressão promovida pelas autoridades municipais e estaduais, bem como as constantes ações do aparato policial⁵.

Foi naquele momento de intensas negociações, de utilização de estratégias de resistência e de acomodações que um grupo de pessoas, constituído por membros de uma mesma família — os Flores⁶ — iniciaram negociações com os rumos de sua vida na Vila — O que será de nós? Como somos representados? Como isto nos afeta?

Hall afirma que a construção de identidades deve ser compreendida como “sempre em processo, sempre sendo formada [...] preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros” (1999, p. 38-39). Então, foi em meio às privações decorrentes da situação ilegal da ocupação de terras, às lutas pela conquista da cidadania e sendo segregados por diferentes indivíduos, grupos sociais e instituições como “invasores” e “desordeiros” que os membros da Família Flores decidiram retomar a celebração da qual participavam no seu local de origem (Barros Cassal), ou seja, o Terno de Reis.

Maria Noeli Flores Borges (2006)

testemunha que a criação do Terno foi “pra resgatar a cultura, que é uma cultura que existe mais para o interior e pra reunir também as famílias [da Vila Santo Operário], que a gente iniciou com as famílias do interior que já conheciam [o Terno de Reis]”. A união das famílias em torno desta celebração e a criação da Associação Terno de Reis deu início, entre outros fatores, à mudança do olhar dos demais habitantes do Bairro Mathias Velho e das autoridades sobre os moradores da Vila Santo Operário. Adão Flores (2006) rememora a primeira vez em que o Terno foi celebrado:

Eu não esqueço que logo que a gente começou a cantar, que nós viemos da Florianópolis [rua do Bairro Mathias Velho], dá para ver que até os policiais estavam a nosso favor, eles alcançaram nós e continuaram meio devagar e fizeram continência para nós por causa da Bandeira do Divino, que nós trazíamos junto. Eu nunca vou esquecer isso aí. [...] todo mundo respeita por causa da Bandeira do Divino.

Ao “dezenraizamento”⁷, os moradores da Vila, opuseram a união em torno de uma celebração que lhes resgatou sentimentos de pertencimento e vínculos afetivos. O estudo deste caso desvelou-nos, como coloca Revel (1988), as formas pelas quais, indivíduos ou grupos, no interior de uma configuração dada, constituem e refazem identidades coletivas⁸. O Terno de Reis foi o objeto de mediação encontrado para que os migrantes vivenciassem, de maneira menos sofrida, a inserção em um mundo novo. No aconchego do vivido, do já experienciado, deu-se a aproximação com o “outro”. Assim, os moradores da Vila Santo Operário aprenderam a lidar com as diferentes situações surgidas no seu cotidiano e passaram

a construir um espaço vital com novas pessoas significativas. Entre outros, o Terno de Reis serviu como moeda de troca, estreitando laços e possibilitando a comunicação.

O Terno de Reis de Canoas incorporou elementos novos, ou seja, a Bandeira do Divino e a grande refeição partilhada pela comunidade, presentes na celebração em honra ao Espírito Santo. Foi instituído uniforme para os seus membros, pois conforme Adão Flores (2006), os cantadores seriam “mais bem identificados e o grupo seria mais organizado” e foi criada a Associação, para cuja sede os moradores da Vila acodem nas datas de apresentação do Terno. Tendo em vista o índice de criminalidade no local, atualmente, são evitadas as visitas noturnas às casas, concentrado as festividades na Associação.

Houve assim, uma atualização do Terno, que remete às antigas tradições, apropriando-se de ritos e códigos de outras celebrações, adaptando-se ao contexto e garantindo “outro olhar” da população do Bairro Mathias Velho para os moradores da Vila. Quanto a isto, Evandina Varela Padilha (2006), moradora do Bairro Mathias Velho, diz:

eu só sei que aqui na Mathias o povo [Terno da Santo Operário] é bem conhecido, porque cada vez que eles passam, eles cantam de longe, se vê eles cantando, aí, toda a vizinhança sai pra rua escutar.[...] festa muito linda, muito linda mesmo, a gente não esperava, e todos os anos assim que eles vêm, é assim, óh, mesmo a gente sabendo que eles vão chegar, é uma surpresa pra gente, é a coisa mais linda que eles inventaram aí, né, foi o Terno de Reis [...].

Então, não mais “desordeiros” e “invasores de propriedade alheia”, mas arautos do nascimento de Jesus e portadores da Bandeira do Divino. O

Terno foi uma estratégia para incrementar a interação social, contribuindo para promover sociabilidades.

SEGREGAÇÃO NO BAIRRO DE FÁTIMA

Significados (com)partilhados

O Bairro Fátima foi formado inicialmente por quatro pequenas vilas em uma várzea alagadiça onde se plantava arroz, verduras e frutas. Os seus primeiros moradores eram majoritariamente descendentes de imigrantes alemães, que se estabeleceram no bairro a partir da década de 1920. Com o passar dos anos e crescimento da industrialização, os antigos moradores do Fátima começaram a conviver com a chegada de novos migrantes, que, a partir de 1960, visualizam a cidade de Canoas como seu novo lar.

As permanências, rupturas e conflitos desse processo tornam-se um objeto de pesquisa, no momento em que levamos em conta as segregações materiais, espaciais e sentimentais que se tecem no Bairro de Fátima até a atualidade. Nesse sentido, a partir de agora, os depoimentos orais irão nos aproximar do passado e do presente do bairro e, principalmente, nos contarão o que existe entre esses períodos históricos. É por isso que vamos começar nossa investigação a partir de uma característica marcante do Bairro, relatada por Nizorreti Américo (2007), morador do Fátima há 40 anos. Ele diz:

O pessoal do centro do bairro mesmo, é praticamente os mesmos...É um bairro que não tem muita rotatividade né, a maioria são proprietários...É um bairro, como eu citei, estritamente residencial.

O depoimento acima nos fornece uma importante via de acesso a alguns dos significados (com)partilhados no

Bairro de Fátima. Questiona-se: a que centro o morador está se referindo? Trata-se de um centro espacial, ou também subjetivo? Quem são os moradores do centro do Bairro? E ainda: não há, realmente, rotatividade no Bairro de Fátima? Tais perguntas se configuram como ferramentas de pesquisa para pensarmos sobre a temática da segregação no Bairro, pois logo descobrimos como se formou o centro do Fátima...

É que os colonos que vieram, muitos aí vieram com mãe e com pai aí né... Vieram pra cá comprar essas terras e lotearam tudo. Eles vieram pra cá, faziam chácaras.... (Nilton Leal Maria, 2007).

E também quem eram os seus moradores...

(...) eram tudo descendentes de alemães. Geralmente eles dão o nome de ex-proprietários, tem uma rua aqui, a rua da passarela, na Fátima que é também o nome do proprietário... (Osmar José Arnecke, 2007).

Os relatos selecionados nos indicam que só poderemos pensar sobre a segregação no Bairro de Fátima, ao lançarmos luz sobre a origem do Bairro, e também sobre o seu centro. É nesse sentido que podemos falar do confronto de memórias dentro do Bairro (Polack, 1989), pois se, por um lado, há uma memória oficial do Fátima, inscrita nos nomes de ruas e nas lembranças dos moradores mais antigos, essa convive, igualmente, com memórias subterrâneas, de moradores que não têm sua identidade registrada e/ou agregada à história dos pioneiros do Bairro. E quem são eles? Onde moram no Bairro? Como construíram seus territórios de existência na região? Segundo Nizorreti (2007):

São gente que vem de fora... Provavelmente vem do interior,

como há quarenta e tantos anos atrás eu vim né, só que daquela época numa outra condição né, numa região que tava recebendo é... imigrantes né... para trabalharem, porque havia trabalho...e tudo mais...

Esse instigante relato nos revela uma importante questão sobre os processos migratórios e imigratórios: o contexto em que se efetuam. Ora, se na década de 1950, houveram migrações para o Bairro de Fátima interligadas ao crescimento e a emancipação da cidade de Canoas, o mesmo não se pode observar a partir das décadas de 1980 e 1990, quando milhares de pessoas buscam as regiões metropolitanas em busca de trabalho e sustento. O Bairro de Fátima exemplifica, a partir de seus casos, um fenômeno social que não ocorreu somente em seus limites territoriais, mas em todo o país na época: são áreas ocupadas, pobreza emergente, moradias irregulares. Esses aspectos formam uma segregação subjetiva no Bairro de Fátima, pois não se trata somente de uma determinada condição social ou material, mas antes, do encontro com o “outro”, de “fora”, alheio ao “centro” do Bairro. Os moradores nos contam como:

Então a gente observa que tem, tá vindo de fora esse pessoal... Um pessoal muito pobre, que tão ficando na volta do bairro né... Isso de uma certa forma, causa cada vez mais uma insegurança...com aquele pessoal ali, porque não são pessoas conhecidas, são pessoas que não são do meio. (...) normalmente são pessoas muito pobres que num primeiro momento se instalaram lá...com barracos com coisa né...hoje a própria Prefeitura vem dando um cuidado maior pra aquilo ali, vem construindo né... (Nizoretti Américo, 2007).

O reflexo mais imediato, visível aos olhos, e sensível às subjetividades, é a

segregação espacial do Bairro que, na atualidade, após diversos processos de loteamento, é conhecido por seus condomínios fechados, que transformaram a paisagem do Bairro:

Agora a notícia é essa construção desse condomínio aí. Então acho que isso tinha um barrero aqui e diz que eram muitos... até toda a criançada da zona do bairro aqui ia tomar banho naquele barrero (...) agora tá tudo feito condomínio em cima. (Inês Duplê)

As segregações se delimitam também a partir de processos mais passageiros, embora igualmente marcantes. Esse é o caso das festas e celebrações que acontecem no principal local de convívio social do Fátima: o Parque Eduardo Gomes. Ponto de referência, espaço notado pela memória oficial, o chamado “Parcão” é freqüentemente utilizado para a realização do Carnaval da cidade de Canoas e outras confraternizações. Nesses casos, a segregação se manifesta a partir de invasões sonoras e visuais, e também subjetivas e materiais: seja pela música, seja pela presença maciça dos de “fora” ou pelos danos materiais ao Bairro.

Ocorrem também, às vezes, alguns distúrbios, arruaças no bairro, às vezes junto à Semana Farroupilha e até mesmo o Carnaval, (...) existem gangs urbanas e se rivalizam, por exemplo, a gang da Rio Branco [Bairro de Canoas] com as gangs do Bairro Fátima...Então vão passando pelas ruas, essas gangs, (...) saem apedrejando casas durante a noite, quebrando lixeiras, arrancando placas de sinalização, né: destruindo paradas de ônibus... (Carlos Eduardo Nascimento, 2007).

Por fim, destaca-se um último desdobramento sobre migração e

segregação no Bairro de Fátima e na cidade de Canoas. Além de uma segregação interna ao Bairro, o fenômeno das múltiplas migrações a partir da década de 1950 está relacionado com a metropolização da cidade, e com o surgimento de um dos aspectos mais segregadores que a urbanização do período causou: o estigma de cidade-dormitório:

Quase toda a Canoas é assim hoje. As pessoas nasceram em Canoas, mas até uns anos atrás inclusive Canoas era considerada dormitório de Porto Alegre, pessoas que saíam de manhã pra trabalhar e só voltavam pra dormir. (Carlos Eduardo Nascimento, 2007)

Pensando a respeito das diversas manifestações e expressões que a segregação pode assumir em um processo de migração, paralelo à metropolização e urbanização de uma cidade, encerramos aqui o acompanhamento do estudo sobre o Bairro de Fátima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A união de dois estudos de caso sobre bairros de uma cidade metropolitana fornece importantes questões a respeito da relação entre os processos de migração/metropolização/urbanização/segregação. Revela, também, diferentes manifestações de processo de segregação, seja ele marcado pela distribuição de espaços em um bairro, pelas relações geradas entre os moradores ou pelas memórias oficiais e subterrâneas.

No caso da Vila Santo Operário, situado na borda de um bairro habitado por representantes das classes desfavorecidas, a construção identitária e a própria espacialidade foram condição para a transformação de relações sociais e para suplantar a segregação,

possibilitando uma nova posição dos seus moradores na teia sócio-espacial. O elemento facilitador foi a celebração do Terno de Reis, por si só, uma festa agregadora, permeada por símbolos e signos que apontam para vizinhanças, camaradagens e sociabilidades.

O Bairro Fátima articula timidamente seus processos de segregação, mas seja nos silêncios e nas omissões, seja em pequenas alusões, ela sempre está lá: nas referências aos "de fora" do bairro, na construção de condomínios e nas citações sobre os que se "instalaram" ao redor da área central do Bairro. Vale lembrar que o centro não é somente espacial: trata-se de um centro simbólico, o dos pioneiros, primeiros migrantes que, antes da década de 1950, já haviam se instalado no Bairro. A segregação, no caso do Fátima, também extrapola os limites do bairro, pois fomentou durante décadas o estigma de cidade-dormitório para Canoas, e hoje se estende ao medo do "outro", o que frequenta as festas no parque localizado no bairro.

A reconstrução das vidas dos migrantes em Canoas tem sido extremamente problemática, pois necessitam encarar desafios relativos à negociação de moradia, emprego, educação para os filhos e atendimento médico entre outras necessidades. Outro impacto que sofrem é o de reconstruir vizinhança e solidariedade, em meio a um universo já estruturado de redes de camaradagem. Concomitante, no cotidiano, dá-se a luta das famílias pela sobrevivência, reconstruindo suas vidas e rearticulando identidades. Nesse sentido, pode-se destacar as próprias (re)formulações que um processo de segregação pode sofrer, no caso da Vila Santo Operário através do Terno de Reis, e, no exemplo do Bairro de Fátima, atualmente, com a construção de condomínios fechados, que

consagraram materialmente a segregação das subjetividades do bairro.

* **Cleusa Maria Gomes Graebin é Doutora em História (Unisinos/RS) e Profª do Centro Universitário La Salle (Canoas/RS).**

** **Danielle Heberle Viegas é Bacharelada em História (Unilasalle/Canoas/RS).**

NOTAS

1 - Iniciado em 1994, o projeto é uma parceria entre o Unilasalle e Prefeitura Municipal de Canoas e apresenta, a cada nova edição, um livro sobre a história de um dos bairros da cidade de Canoas. As pesquisas são realizadas a partir de fontes orais.

2 - O Projeto pesquisa as festas do Espírito Santo, Terno de Reis e Cavalhadas e é financiado pelo CNPq, Fapergs e Unilasalle.

3 - Todas as entrevistas foram realizadas com consentimento informado, e devidamente autorizadas para fins de publicação e divulgação.

4 - Sobre segregação é importante ver os seguintes autores: Lefebvre, 2004; Castells, 1983; Villaça, 1998; Corrêa, 2003; Sogame, 2001.

5 - Em Penna et all. (2000), podem-se ler os relatos dos ocupantes da Vila Santo Operário sobre a atuação da polícia militar, nas diversas ações de despejo movidas contra aqueles.

6 - São oriundos do interior do Estado do Rio Grande do Sul, da cidade de Barros Cassal. O casal e seus oito filhos chegaram a Canoas (RS) no ano de 1975.

7 - Em Ecléa Bosi (1998) vemos que o desenraizamento é uma espoliação das lembranças advinda da mobilidade extrema, produzida pelas pressões econômicas, desagregando a memória. Nas famílias mais pobres essa errância impede a sedimentação do passado e a crônica da família e do indivíduo é perdida no percurso.

8 - A festa pode ser a força aglutinadora dos cotidianos dispersos. O espaço em que esta se realiza, é, também, um espaço plural, permitindo a emergência de múltiplos mecanismos promotores de sociabilidade. Ali, as pessoas se encontram, novas relações são iniciadas e até negócios são firmados. É um tempo de se mostrar, de comunicar algo, além do próprio momento de confraternização (Graebin et all., 2006).

REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa
(1998) *Memória e sociedade - lembranças de velhos*. 6ª ed. São Paulo: Schwarcz Ltda.
- CASTELLS, Manuel
(1983) *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- CERTEAU, Michel
(1998) *A invenção do cotidiano - 1. Artes do fazer*. Rio de Janeiro: Vozes.
- CORRÊA, Roberto Lobato
(2003) *O espaço urbano*. 4ª ed. São Paulo: Ática.
- GRAEBIN, Cleusa M. G. et. all.
(2006) "Na trama do cotidiano: histórias de vida de mulheres de descendência luso-açoriana". In: PAIVA, Sérgio Rosa de. *Mulheres do Rio Grande do Sul: diversidade*. Porto Alegre: Sferasrp.
- HALL, Stuart
(1999) *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- LEFEBVRE, Henry
(2004) *A Revolução Urbana*. Tradução de Sergio Martins. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- MAYOL, Pierre
(1996) "O Bairro". In: CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano - 2. Morar, Cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 37-69.
- O'NEILL, Mônica Maria
(1983) *Segregação Residencial: um estudo de caso*. Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado, UFRJ.
- PENNA, Rejane Silva; CORBELLINI, Darnis; GAYESKI, Miguel
(2000) *Canoas para lembrar quem somos: Mathias Velho*. Canoas, RS: La Salle.
- POLACK, Michel
(1989) "Memória, esquecimento, silêncio". *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, nº3, 1989, p.3-15.
- SOGAME, Maurício
(2001) "Rudimentos para o exame da urbanização em sua fase crítica: uma aproximação ao conceito de segregação socioespacial". *Geografes*, Vitória, nº 2.
- VILLAÇA, Flavio
(1998) *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute.